



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

23 e 24 de novembro de 2019

Notícias do Dia Perfil

“O homem da agricultura catarinense”

O homem da agricultura catarinense / Glauco Olinger / Engenheiro
Agrônomo / Professor / Centro de Ciências Agrárias / UFSC

Engenheiro agrônomo lageano **Glauco Olinger**, de 97 anos, é uma enciclopédia viva quando fala de agricultura, pecuária ou agroindústria

O homem da agricultura catarinense

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
Especial para o ND

O currículo do engenheiro agrônomo Glauco Olinger é tão vasto que não há como evitar os riscos de uma temerária síntese ao falar dele. Mas basta citar que fundou a Acaresc (Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado), hoje Epagri, em 1956, foi secretário de Estado da Agricultura e Educação, presidente da Embrater e criador do bem-sucedido projeto da fruticultura que tornou Santa Catarina uma das referências nacionais nesse segmento. Além disso, Olinger foi professor e diretor do Centro de Ciências Agrárias da UFSC, criou e organizou o modelar sistema de extensão rural em todas as regiões catarinenses, que também levou para Angola e Cabo Verde.

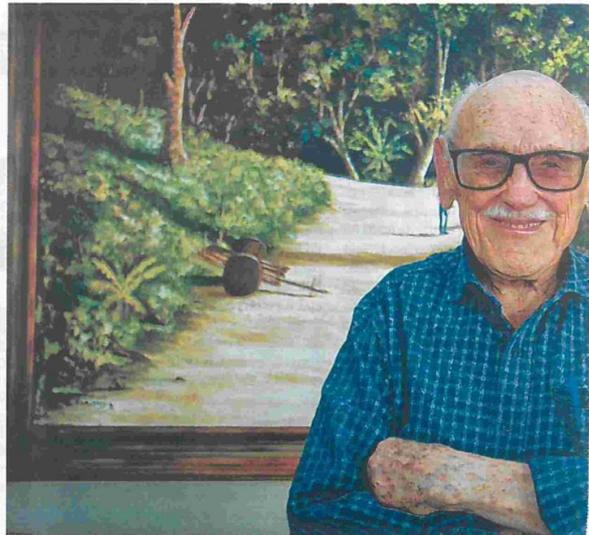
Aos 97 anos, lúcido e crítico como sempre, Glauco é uma enciclopédia viva quando o assunto são a agricultura, a pecuária e a agroindústria. Fala com desenvoltura de temas correntes e faz digressões aos tempos em que atuou em países como México, Chile, Guatemala, Venezuela e Estados Unidos. Seus livros “Memórias da vida rural e da política agrária e o potencial do Brasil para a segurança alimentar” e “Agricultura catarinense – Em busca do equilíbrio ecológico” (ambos editados pela Unisul) mesclam memórias da vida e da carreira com considerações sobre o modelo de produção alimentar brasileiro, o futuro do planeta e os desafios da sustentabilidade.

ALIMENTAÇÃO E ESPORTE

Vale aqui, pela longevidade e pelos exemplos que dá, passar a receita dele próprio para uma vida extensa e saudável. Glauco abandonou o cigarro de palha e o cachimbo quando descobriu os males que causavam, aprendeu a parar de comer antes de se sentir farto, eliminou o açúcar e o sal, consome frutas e legumes, faz exercícios de memória antes de dormir para manter os neurônios ocupados e caminha regularmente pelas ruas próximas de seu apartamento, na avenida Beira-mar Norte.

Ele jogou xadrez a vida inteira, fez nado, mergulho e caça submarina, jogou futebol de salão até os 89 anos e foi corredor de 100 metros livres (com a fantástica marca de 11,2 segundos). Atribui à sorte uma existência tão longa e profícuca, sem esquecer de valorizar os ensinamentos do pai e as comidas da mãe, em Lages, a terra natal. Quase foi nomeado governador do Estado, mas diz que nunca pediu cargo público. Também foi o primeiro secretário de Estado a abolir a gravata no expediente e em solenidades oficiais. “Isso é um cabresto”, justificou-se ao governador Ivo Silveira quando tirou o paletó e a gravata numa reunião no palácio do governo.

Não existe nação que se desenvolveu sem investir na pesquisa básica e aplicada, diz Glauco



GLAUCO OLINGER Engenheiro agrônomo

O senhor participou ativamente da implantação do modelo de extensão rural que mudou o padrão da produção agrícola em Santa Catarina. Como tudo começou?

Eu já vinha de uma experiência exitosa, ainda em 1948, em Minas Gerais, onde me formei em agronomia (Universidade Rural de Viçosa). Aqui, a assistência técnica e a extensão começaram a ser implantadas em 1956, usando o conceito norte-americano de ensino extra-escolar. Os agricultores não precisavam sair para estudar: os extensionistas iam até a casa deles. E o governo deixou de ser paternalista, dar sementes, adubos e ferramentas, para fornecer informação, ensino intelectual e orientação técnica, na linha do “ensinar a usar”.

Como isso foi implementado no âmbito do governo estadual?

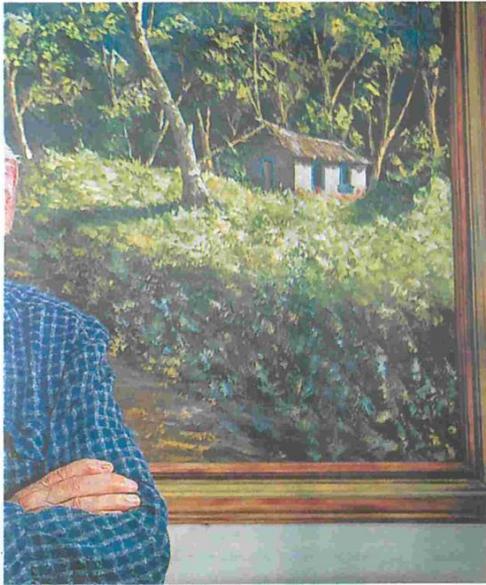
Tive a oportunidade de contribuir com o Plameg (Plano de Metas), do governo Celso Ramos, nos anos 1960, ao lado de figuras importantes como o professor Alcides Abreu. O grupo tinha liberdade, do ponto de vista técnico, para propor as melhores soluções para cada setor da economia do Estado. Criamos o Crédito Educativo Supervisionado, com juros baixos ou inexistentes e prazos longos de amortização. O pagamento era feito com o resultado da produção, e a inadimplência, na época, era inferior a 1%. A cada ano, planejávamos as ações do exercício nas áreas da suinocultura, da avicultura, da fruticultura, do cooperativismo.

A pesquisa agropecuária foi outro segmento que passou a merecer atenção...

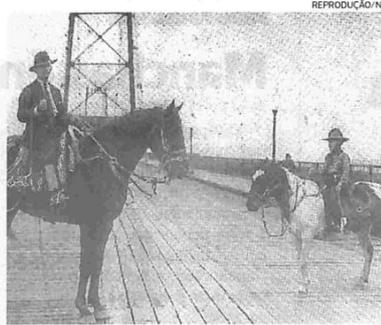
Não existe nação que se desenvolveu sem investir na pesquisa básica e aplicada. Até os anos 1950, as pesquisas feitas no âmbito do Ministério da Agricultura eram pouco divulgadas. Também havia muita pesquisa especulativa e pouca informação útil. Aí surgiu a Embrapa, cujo trabalho deu resultados no curto prazo e transformou a agricultura e a pecuária brasileiras. Em Wisconsin, nos Estados Unidos, onde estive, pesquisadores, professores e extensionistas ocupavam as mesmas salas, mas aqui ainda havia – e há, em alguns casos – pouco entrosamento das universidades com os ministérios, por exemplo, o que prejudica a área da agricultura, mas também a saúde e a educação.

O Brasil ainda é um grande exportador de grãos, de commodities. Já não deveria ter virado a chave e fazer como os países industrializados?

O Brasil ainda não se desvinculou do sentimento de nação colonizada. Exportamos grãos, carne com osso e animais vivos. É um erro crasso. Precisamos exportar o bife, colocá-lo na mesa das donas de casa no exterior. Lá fora, eles usam os nossos grãos para fazer óleo de farinha e azeite de milho. Se o milho rende mais de 100 subprodutos, a soja é desdobrada para fabricar óleo, farinha, plástico e até pneus. Santa Catarina é uma exceção, porque os suínos e frangos são



FLÁVIO TIN/ND



REPRODUÇÃO/ND

Glauco (à dir.) e o pai, Olímpio Olinger, sobre o piso de madeira da ponte Hercílio Luz, na década de 1930

ainda são usados indevidamente, por falta de fiscalização ou de aplicação das leis. Não há infraestrutura suficiente para proibir. Há venenos que não produzem qualquer dano ao mundo vegetal e a quem os aplica. Há milênios nossos índios já extraíam dos cipós o produto que tonteava e facilitava a captura de peixes. Depende muito da maneira de usar, de cuidados para que nem o meio nem o aplicador sejam prejudicados.

O tema rendeu debates acalorados também por aqui...

O governador Carlos Moisés está correto em taxar os agrotóxicos, mas há situações em que, sem eles, não existe produção. O Estado erra ao juntar tudo num saco só – produto da falta de informação.

Como vê o futuro na área em que sempre atuou, e no próprio planeta?

O homem está intervindo danosamente no clima do planeta, como se vê na destruição das florestas, que têm o papel importantíssimo de reter a umidade no solo e garantir a evaporação. Porém há também transformações que decorrem de abalos sísmicos, movimentos da crosta terrestre, erupções vulcânicas, alterações climáticas radicais – localizadas. Atualmente, um dos caminhos é a agricultura urbana, que ainda tem pequena escala, mas que vem crescendo muito, inclusive nas principais metrópoles do mundo.

dizimada pela peste suína clássica, e isso cria condições excepcionais para Santa Catarina.

O tema dos agrotóxicos ganhou relevância recentemente com denúncias de liberação desenfreada de produtos que são proibidos em outros países. Qual é sua posição sobre isso?

Na questão dos agrotóxicos, o debate tem mais ideologia do que conhecimento científico. E onde entra a ideologia, a ciência sai pela porta dos fundos. Todo produto de combate às pragas e doenças, nas plantas e nos animais, é defensivo agrícola, mas nem todo defensivo é tóxico. Alguns já foram condenados e

desdobrados e exportados, agregando valor ao produto. O Brasil não pode ser responsável por fornecer quase 40% dos alimentos do mundo, como queria a FAO, quando o planeta chegar aos nove ou dez bilhões de pessoas. Nossa responsabilidade é garantir a produção de alimentos suficientes e de qualidade para a própria população brasileira.

No Brasil, os alimentos de consumo corrente são majoritariamente fornecidos pela agricultura familiar, ao passo que os latifúndios são exportadores. O que acha desse modelo?

Há vários países dentro do Brasil, do ponto de vista agrário. Há regiões onde as máquinas fazem o trabalho de 200 homens no campo, como ocorre na colheita do algodão. Contudo, a automatização não é o melhor cenário, porque máquinas pesadas demais compactam o solo, reduzem o seu arejamento e, por tabela, o oxigênio e os microorganismos que dão vida à terra. Com o solo degradado, cai a produtividade. Sou confuciano, defendo o caminho do meio, ou seja, o das médias propriedades. Temos no Brasil entre 70 e 80 milhões de hectares cultivados, mas outros 300 milhões podem ser explorados, segundo a Embrapa, sem risco de degradação ambiental. Há 140 milhões de hectares de áreas degradadas, que precisam ser revitalizadas para uso na agricultura e pecuária, mas também para o reflorestamento e silvicultura.

Hoje se fala muito em produção sustentável, combate à emissão de poluentes, produção orgânica, controle de agrotóxicos. Como conciliar a necessidade de produzir alimentos sem sobrecarregar o ambiente?

A pegada ecológica é mais importante para algumas regiões do mundo onde não há condições de produzir alimentos para todos, como em partes da África e também na China, onde apenas 15% do território pode ser utilizado pela agricultura. A China tem quase 1,5 bilhão de habitantes e depende muito de alimentos que vêm do exterior. Mais de 30% da suinocultura chinesa foi

**DC Revista e AN Revista
Capa e Entrevista**

“Ser mulher, estrangeira e fazer ciência no Brasil são lutas constantes”

‘Ser mulher, estrangeira e fazer ciência no Brasil são lutas constantes’ /
Alexandra Latini / Coordenadora do Labox / Laboratório de Bioenergética e
Estresse Oxidativo / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Roger
Walz / Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago

ENTREVISTA
Ser geneticista e
argentina no Brasil, as
lutas de Alexandra Latini.
PÁGINAS 6 a 9

>>CONVERSA COM: **ALEXANDRA LATINI**



“SER MULHER, ESTRANGEIRA E FAZER CIÊNCIA NO BRASIL SÃO LUTAS CONSTANTES”

Cientista de Florianópolis participa de estudo internacional sobre a evolução de tratamentos para determinadas doenças e fala sobre as dificuldades da pesquisa no Brasil

LARIANE CAGNINI
lariane.cagnini@somosnsc.com.br

A negativa para uma vaga de doutorado, pelo fato de ser mulher, foi um dos primeiros obstáculos que a pós-doutora em Saúde Alexandra Latini, 50 anos, encontrou ao longo da vida acadêmica. Coordenadora do Laboratório de Bioenergética e Estresse Oxidativo (Labox) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através da ciência ela busca caminhos de uma colaboração internacional para tratar doenças autoimunes e também o câncer.

Um estudo publicado ano passado na revista britânica Nature, periódico com 150 anos de história e um dos mais importantes do mundo científico, mostra como as células T podem ser manipuladas e contribuir para determinados tratamentos.

A cada hipótese testada, um avanço para buscar a cura de doenças, sempre com a colaboração de universidades de outros países. Nesse estudo, a USA Harvard Medical School em Boston, e o Institute of Molecular Biology (IMBA), na Áustria, são os principais parceiros. Por aqui, no Labox da UFSC, uma equipe de 20 pessoas se debruça sobre o tema, com 17 mulheres reforçando a presença feminina na pesquisa.

Além do desafio de fazer ciência no Brasil, em relação a recursos disponíveis, a pesquisadora enfrenta barreiras culturais, como o fato de ser mulher e estrangeira. Alexandra é argentina, fez boa parte da carreira acadêmica em Córdoba, mas quando chegou por aqui, em 2001, decidiu abraçar a universalização do conhecimento como bandeira. Concluiu o pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e em 2007, assumiu o Labox.

A seguir a cientista fala sobre as dificuldades para fazer ciência no Brasil, machismo e novidades no mundo da pesquisa relacionada à doença de Parkinson.



Na ciência, mais da metade dos pesquisadores são mulheres, aqui e no mundo todo, mas à medida que você vai crescendo, o número de mulheres vai diminuindo e de homens aumentando

A publicação na Nature é uma prova de que a pesquisa de ponta é produzida a muitas mãos, e também em vários idiomas. O caminho é esse?

Entendo que a universidade abre as portas do mundo. O conhecimento deixa de ter fronteiras, de ser na Argentina, no Brasil, e passa a ser um trabalho entre todos. Por isso, pesquisa e educação não podem ser

consideradas como custos negativos para o governo ter que apoiar. Pelo contrário, devem ser considerados como um grande investimento para se ter um desenvolvimento sustentável, como qualquer país de primeiro mundo.

Este ano foi de contingenciamento de bolsas e verbas para as universidades. Como foi viver nesse ambiente?

As bolsas novas foram contingenciadas e bloqueadas. Todo mês vinha aquele comentário “serão cortadas tantas bolsas”, no minuto final, chegava e dizia que ia conseguir pagar. Sabe o que isso parece? Uma pressão para se render. Que todo mês tem uma nova coisa que vai acontecer, um novo stress imprevisível, que não se sabe o que vem. Essa universidade esteve a ponto de fechar as portas em julho, setembro, e mui-



Acesse outros conteúdos em nscstotal.com.br

tos terceirizados perderam contrato.

Esse processo atingiu diretamente a equipe lidera por você?

Uma aluna que terminou o doutorado em abril recebeu bolsa e no momento que foram implementar foi bloqueada. O que aconteceu é que ela teve que se dividir, fez concurso como fisioterapeuta, então abandonou mais de 50% da pesquisa de ponta que estava fazendo para poder subsistir, e fora do horário de trabalho ela vai até o laboratório. Temos um novo artigo para submeter à Nature, e ela não vai ter como participar desse trabalho.

Enquanto houver pesquisadores, a ciência continua. Como buscar novos interessados para a área?

O papel que os pesquisadores têm é tentar criar um pensamento crítico para o aluno durante a graduação. Sempre faço assim na minha aula, coloco o conteúdo que é essencial à minha disciplina, mas também problemas para estimular a pensar e propor soluções. Eventualmente, a partir dos alunos, tenho mudado determinadas atividades na minha pesquisa, conceitos que eles sozinhos têm organizado.

E nos pequenos, na educação básica?

No professor universitário, o principal papel é estimular o pensamento crítico. Agora, na educação básica, é essencial apresentar o assunto para que aquele mini indivíduo se torne interessado pela pesquisa no futuro. Vários estudos dizem que se uma criança não é estimulada com uma aula sobre biologia, por exemplo, na prática, ela nunca se tornará um pesquisador. O limite dessa pesquisa era sete anos, ou seja, se até essa idade ele nunca foi exposto a uma atividade de pesquisa, provavelmente nunca será um pesquisador.

O que é produzido nas universidades muitas vezes não é compreendido pela população, e nos últimos tempos os professores também foram alvo de críticas...

Quando começaram os comentários sobre o professor universitário, obviamente todos ficamos ofendidos, porque estamos sempre trabalhando com o objetivo final, que é a sociedade. É um círculo: tem a pesquisa, o ensino, mas também a extensão para a comunidade. São três dimensões que se olhar mais de perto, não tem como separar. Nossos alunos disseram que tínhamos que nos mobilizar, colocar na praça, para a comunidade, e nossa família, o que é feito dentro da universidade. Temos uma grande deficiência, somos muito pesquisadores, mas não sabemos traduzir o que é feito na universidade para a população em geral.

É importante criar esse caminho en-



FOTO: INGO BERON

...tão, esse diálogo?

Sempre brinco que sou um mosquito, que nem faz barulho quando bate as asas para voar. A vida de pesquisador é dessa forma, fazer o trabalho em silêncio durante anos ou décadas e assim que surgir algum dado, talvez a mídia, ou pode ser um site de pesquisa, dar visibilidade e aí tudo muda. Porque parece que aí, nesse momento, é que você se torna interessante.

E dentro da ciência, como funciona o diálogo entre pesquisadores? O fato de ser mulher já determinou algo na carreira?

Me formei aos 20 anos em Farmácia. Em 1994, em Bioquímica. E apaixonada pela disciplina da Patologia, decidi que queria fazer o doutorado. Fui falar com um professor e ele me disse que não iria me aceitar porque mulher ficava grávida muito rápido. Ele me indicou outra professora, que me aceitou, e como sempre digo, tudo é um círculo. Quando vim morar no Brasil, senti que minha principal missão era a internacionalização. Quando tomei posse na UFSC, tinha um projeto de colaboração internacional com a Argentina. O coordenador do lado argentino era aquele professor que não me aceitou. E na reunião, ele contou a história aos colegas,

dizendo que não tinha me aceitado e que hoje éramos colegas de colaboração internacional.

Como você lidou com o caso, um não pelo fato de ser mulher? Teve outros episódios?

Devo ter ficado perturbada por uns 10 minutos, daí eu disse: "OK não tem problema, vou do outro lado, porque também não adianta insistir com alguém que não está disposto a escutar". Nem quis perder tempo. Fui buscar essa mulher que ele tinha me indicado e foi ela que marcou toda minha carreira, até hoje. Sempre que penso em como solucionar um problema, penso em como a doutora Raquel Dodelson de Kremer faria. Também na seleção para pós-doutorado em Cambridge, foram três pessoas pré-selecionadas pelo currículo. Quando apareci me perguntaram: "Mas você é mulher?". Eu disse: "Sim". E eles disseram que estavam procurando homens. Eu disse que não aceitava, pois quando eles viram meu currículo me pré-selecionaram, e que agora eles iam me escutar. Acabei ganhando a posição.

Com a sua trajetória, qual é o peso de ter nascido na Argentina e hoje viver no Brasil?

“Quando começaram os comentários sobre o professor universitário, obviamente todos ficamos ofendidos, porque estamos sempre trabalhando com o objetivo final, que é a sociedade”

A Argentina é um país muito conservador até hoje. Um amigo do Canadá me perguntou como eu me sentia aqui no Brasil, e eu disse que eventualmente fico triste por muita coisa que não concordo e que nunca vou concordar, principalmente relacionada com as minorias. Por outro lado, estou muito feliz por ter vindo e encontrado aqui uma nova casa, que me permitiu crescer em muitas coisas, que eventualmente na Argentina ainda são tabu, uma sociedade muito conservadora, para colocar em palavras um pouco mais elegantes.

Não basta ser cientista, é preciso fazer mais e melhor quando se é mulher?

A mulher não tem uma posição de destaque na ciência, nem na maioria das áreas, e desde o momento em que me formei tive que estar sempre lutando contra isso. A questão da cor da pele é outra coisa que me incomoda muito no Brasil, e que de fato não tenho como contribuir e me sinto sem ferramentas. O que tento é lutar para que essa diferença seja cada vez menor, o gênero e a raça. Na ciência, mais da metade dos pesquisadores são mulheres, aqui e no mundo todo, mas à medida que



Sempre brinco que sou um mosquito, que nem faz barulho quando bate as asas para voar. A vida de pesquisador é dessa forma, fazer o trabalho em silêncio durante anos ou décadas e assim que surgir algum dado, talvez a mídia, ou pode ser um site de pesquisa, dar visibilidade e aí tudo muda

você vai crescendo, o número de mulheres vai diminuindo e de homens aumentando. Isso é uma coisa que sei que sozinha aqui não tem como fazer, mudar, é uma coisa que realmente me dói aqui no coração. Essa questão de estar sempre lutando contra ser mulher, querer fazer ciência, ser estrangeira, e sempre considerada como estrangeira, são coisas difíceis de estar sempre lidando. Além do mais, por que mulher tem que ser perfeita, tem que produzir mais do que o homem, mais do

que um grupo de homens, para poder ser considerada, isso me incomoda.

O trabalho continua, e as parcerias também. Vocês têm colhido avanços no campo do Parkinson agora?

Em dezembro vamos submeter um novo artigo onde mostramos o papel da nossa molécula, BH4, contribuindo para a fisiopatologia da doença de Parkinson. O grupo do professor Roger Walz com a equipe dele, no Hospital Universitário, está nos ajudando na pesquisa translacional, ou seja, o que encontramos nos animais, pode ser corroborado na doença humana. Pacientes com Parkinson que eles tratam têm concordado em participar da pesquisa. Queremos encontrar biomarcadores precoces para a doença e também uma forma de tratar. Estamos coletando amostras biológicas, urina e sangue, para confirmar que o que encontramos no modelo animal do Parkinson na BH4 estão presentes nos pacientes. Isso seria nossa prova de conceito: ao se encontrar no humano, abre um campo para uma nova farmacologia que não se tenha até o momento.



A mulher não tem uma posição de destaque na ciência, nem na maioria das áreas, e desde o momento em que me formei tive que estar sempre lutando contra isso

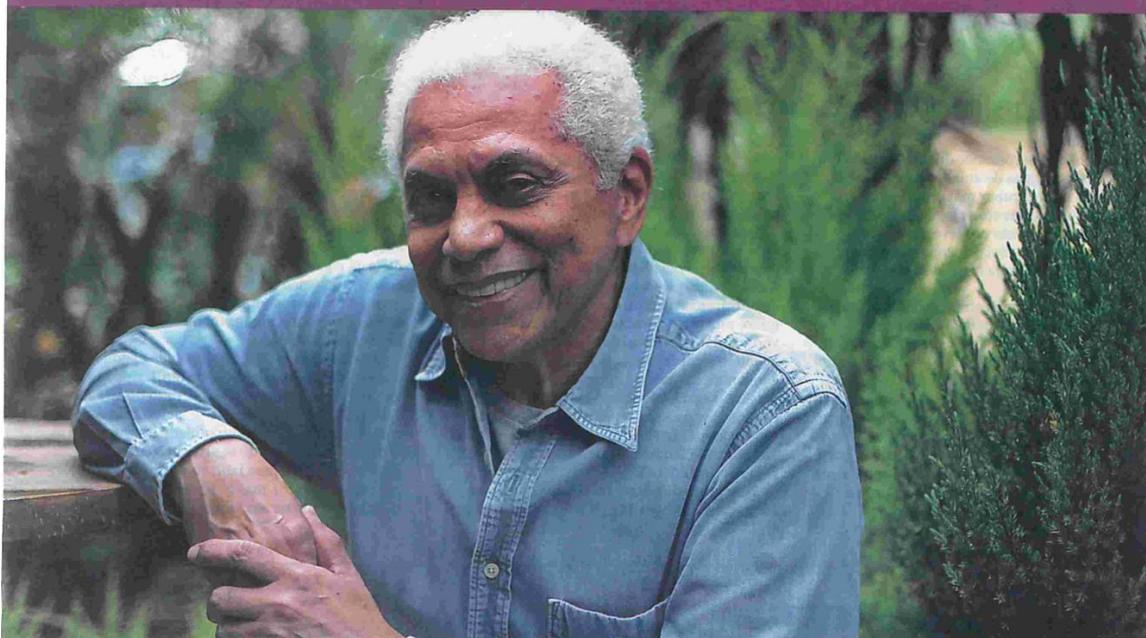


DC Revista e AN Revista Música

“A composição do samba de Paulinho da Viola”

A composição do samba de Paulinho da Viola / Centro de Cultura e Eventos
/ UFSC / Show

>> CULTURA & COMPORTAMENTO | MÚSICA



Após 12 anos, o artista retorna para uma apresentação em Florianópolis

MARCO FROEHR, DIVULGAÇÃO

A COMPOSIÇÃO DO SAMBA DE **PAULINHO DA VIOLA**

O músico faz apresentação em Santa Catarina no dia 29 de novembro, no Centro de Eventos da UFSC, na Capital

JANAÍNA LAURINDO
janaina.laurindo@somosnsc.com.br

SERVIÇO

Paulinho da Viola - Na Madrugada

Quando: 29/11, às 21h

Local: Centro de Eventos da UFSC

Ingressos: a partir de R\$ 126,50.

Sócio do Clube NSC tem **20% DE DESCONTO** na compra do ingresso antecipado no site Ingresso Nacional.

O músico e compositor Paulinho da Viola retorna para Santa Catarina com o show “Na Madrugada” no próximo dia 29, no Centro de Eventos da UFSC, em Florianópolis. A apresentação é dedicada ao pai, que vivo completaria 100 anos em 2019, e também ao parceiro de grandes composições, Elton Medeiros, morto em outubro deste ano. O espetáculo celebra também os 50 anos de lançamento de dois clássicos da obra do sambista, *Sinal Fechado* e *Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida*.

O artista que é compositor de sucessos como *Pecado Capital*, *Timoneiro* e *Perdoa* está há 12 anos sem se apresen-

tar em Florianópolis e há 23 anos sem registrar um novo álbum – o último foi *Bebedosamba*, de 1996. Paulinho traz para este show, que marca o retorno à capital catarinense, algumas canções imortalizadas da carreira e também novas músicas.

– É sempre difícil quando a gente não tem um show a partir de um conceito, isso não deixa de ser um conceito, mas são 50 anos de história, então é muito complicado selecionar. Não vou há algum tempo a Florianópolis e fazer uma síntese em um show de uma hora e meia é uma tarefa difícil. É claro que têm as músicas que fizeram mais sucesso e que o público sempre curte e que você consegue uma interação maior com o público – revela o músico, que acrescenta o seu critério de escolha.

– Pelo menos duas canções têm 50 anos, mas têm outras mais recentes, e

que não são tão conhecidas. A gente tem música que faz sucesso em determinado lugar, mas que não é conhecida no outro. Então o que eu fiz foi isso, levar em conta as músicas que eu gosto de cantar – completa o artista.

No palco, Paulinho tem a companhia da banda formada por Dininho Silva (baixo), Adriano Souza (piano), Mário Sève (sopros), Ricardo Costa (bateria), Celsinho Silva, Marcos Esguleba, Hércules Nunes (percussão) e João Rabello (violão), o filho de Paulinho, que substituiu o avô, o mestre César Faria. A filha Beatriz Rabello também faz uma participação especial.

– Ela gravou há algum tempo o disco *Bloco do Amor* (2016), que tem três das músicas que estarão no show, mas ela canta músicas minhas também.

>>ENTREVISTA

“ALGUÉM SEMPRE ACORDA E TEM UMA INSPIRAÇÃO”

A elegância do samba é algo que está registrado nos clássicos ao longo da carreira. Como você construiu esse estilo e quais foram os mestres na música?

A minha formação teve como base o choro, que era feito pelo meu pai junto com os amigos e também com o Jacob do Bandolim – que foi várias vezes na minha casa, às vezes até para ensaio. Uma coisa que marcou muito eram as reuniões na casa do meu pai – algo muito comum na época –, quando você tinha um músico na família, em torno dele sempre existia uma turma e tudo era pretexto para ter um violão e gente cantando. Também fui muito marcado por alguns clássicos como o cantor chamado Roberto Silva, que gravou vários discos e fazia muito sucesso na década de 1950. Eu escutava algumas gravações dele, de uma série chamada Descendo o Morro. Eram quatro discos, o meu pai participou de alguns deles. Acompanhava meu pai e ficava no estúdio ouvindo, acho que isso me marcou muito. Cantava sambas de Geraldo Pereira, Noel, daqueles grandes do samba daquela época. Eugênio Monteiro, Orlando Silva, isso tudo teve uma forte influência no meu trabalho. Só me envolvi com escola de samba já adulto. Era um universo diferente daquele que eu era acostumado, porque o samba da escola de samba é totalmente diferente, como hoje é diferente do que se fazia antigamente. Hoje os caras são muito mais rápidos. Tem ciência de muito mais coisa, naquela época, nos anos de 1940 e toda a década de 1950 e 1960, não era assim. Era uma coisa mais fechada, apesar da grande divulgação que tinha no Carnaval. Isso veio de uma transformação. Acho que a minha música foi muito marcada por esse lirismo da época. Quando o rock chegou no Brasil, em 1955, eu e meu irmão não ouvíamos. Quando a Bossa Nova chegou a gente ouvia, mas achava que aquilo não era nosso. Ficamos afastados disso durante muitos anos porque nossa praia era muito diferente. Acho então que tem esse lirismo da música tradicional, da música brasileira e do Rio de Janeiro.

E hoje o que você consome de música?

Eu, por exemplo, tenho um acervo com uns 5 mil LPs. Tenho uma quantidade grande de CDs também. A gente ouve muita coisa, depois de algum tempo comecei a ouvir e conviver com muitos artistas da minha geração que começaram comigo nos festivais, que eram uma porta de entrada. Muitos eu participei. Alguns fiquei perto do primeiro lugar, dois ganhei. Bom, isso tudo foi naquela efervescência da segunda me-



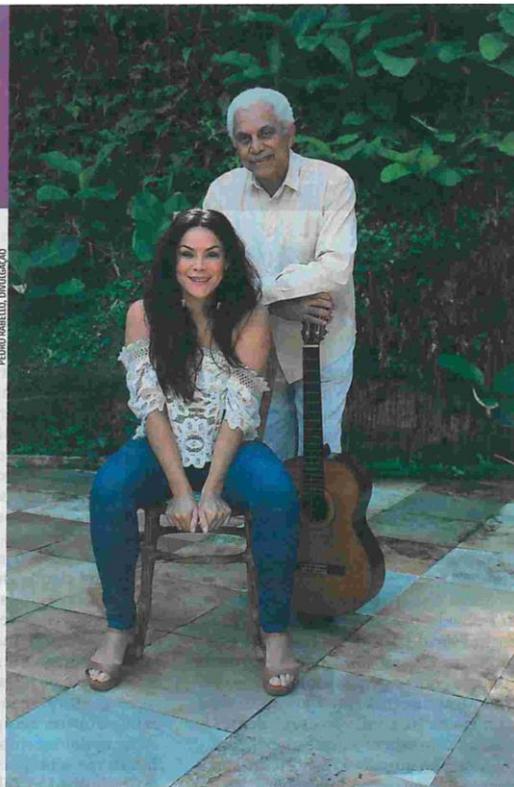
As pessoas esquecem que a música brasileira, essa coisa tão rica e variada e de diversos lugares, é uma coisa relativamente nova. Isso tem menos de 100 anos. Em um curto espaço de tempo foi criada toda essa riqueza e esses milhares de artistas.

tade da década de 1960, e claro, que a gente ouvia tudo. Convivia com outros artistas. É claro, que você vai saindo de um casulo. Vai saindo da casca e vai convivendo com outras pessoas e o trabalho fica marcado. Naturalmente você segue uma linha e é influenciado por esse ou aquele músico, mas passei a ouvir de tudo. Por exemplo, sempre ouvi Bossa Nova. Conheço gente que deu uma enorme contribuição para isso, convivi com alguns. Então, a gente vai trocando figurinha. As pessoas esquecem que a música brasileira, essa coisa tão rica e variada e de diversos lugares, é uma coisa relativamente nova. Isso tem menos de 100 anos. Em um curto espaço de tempo foi criada toda essa riqueza e esses milhares de artistas. Felizmente têm muitos jovens, principalmente de um tempo para cá, e que apesar de antenados com o que acontece no mundo, através da internet, também se interessam pelo que já foi feito e não só pelo que foi feito aqui, como de outros países. Nossa música é rica, está sempre sendo mexida, alguém sempre acorda e tem uma inspiração legítima. É tanta gente e tanta coisa que não tem como acompanhar, mas tento dentro do possível ouvir. Agora estou em um trabalho de reexaminar os discos que tenho aqui. Eu me surpreendo com coisas que não pude ouvir ainda.

Existem várias produções no meio disso tudo que se tornam efêmeras.

Inclusive hoje é muito comum a pessoa gravar uma única música, até porque é mais rápido e menos custoso. É uma produção muito grande um álbum inteiro. A grande questão hoje é dos direitos autorais. Até um certo tempo existia um controle daquilo que era produzido, através das gravadoras, das rádios, mas com a internet ficou muito difícil acompanhar toda a produção musical.

Toda essa mudança também deixou as coisas mais complexas para você? O



Paulinho da Viola e a filha Beatriz Rabello, que fará uma participação especial no show do próximo dia 29

último trabalho foi em 1996.

A partir de um determinado momento, quando saí da antiga Orion, tinha gravado 11 discos, de 1968 a 1979. Depois passei para Warner – num momento que não vale falar agora porque eu perderia muita coisa –, mas foi uma fase de transição dentro da música brasileira. Nesse momento houve uma mudança muito grande até no comportamento e trabalho dos autores. É bom lembrar que no começo da década de 1980 começaram a surgir grupos novos, de uma geração diferente da minha, chamada rock de garagem, que trouxe Legião Urbana, Renato Russo, Paralamas do Sucesso. Foi outro movimento. Até 1983 gravava todo ano e, por uma decisão minha, comecei a produzir de forma mais espaçada. É difícil falar sobre isso, tem uma dinâmica que vem mudando e vim me retraindo e focando mais em shows, viagens e não fiquei muito ligado nessa coisa de fazer disco.

Diminuiu o ritmo de gravações, mas e as composições?

Tenho muitas composições que não foram gravadas, até mesmo por isso, por essa mudança. Se você pensar, tem muita gente produzindo, mas se você for ver, só existe duas gravadoras grandes. Duas que ficaram com todo esse acervo de outras gravadoras. Mas não estou preocupado com isso. Esse momento chega e vou fazer como fiz sempre na minha vida. Nunca chegava com o disco pronto para gravar. Quando eu começava, aquilo ia se multiplicando. Só me dedicava a aquilo, ficava trancado e uma coisa puxava a outra. Muitos dos trabalhos que foram feitos, depois que saía eu não queria ouvir.



Acesse outros conteúdos em nsctotal.com.br

DC Revista e AN Revista Capa e Meio Ambiente "A ameaça que vem do mar"

A ameaça que vem do mar / Inundação / Nível do mar / Mudanças climáticas / Oceanos / Parceria / UFSC / Monitoramento costeiro / ONG Internacional Climate Central / Defesa Civil

NÍVEL DO MAR
Estudo mostra que três cidades de SC podem sumir do mapa até 2050.
PÁGINAS 38 e 39

>> REPORTAGEM | MEIO AMBIENTE

A AMEAÇA QUE VEM DO MAR

Projeção de ONG internacional atualizou riscos de inundações no mundo e mostra áreas afetadas em Santa Catarina nas próximas décadas

LUCAS PARAIZO
lucas.paraizo@somosnsc.com.br

Aalta do nível do mar acelerada pelas mudanças climáticas e pelo aquecimento global pode colocar em risco catarinenses que moram em costas, com riscos de inundações em bairros inteiros de cidades como Joinville, Tubarão e Tijucas. O aviso vem de uma pesquisa divulgada na revista científica *Nature Communications* com base na ferramenta de risco costeiro do Climate Central, uma ONG de pesquisadores e jornalistas do mundo inteiro que estudam mudanças climáticas.

Os pesquisadores utilizaram inteligência artificial para atualizar informações de satélite da Nasa e corrigir detalhes de elevação e nível do solo no mundo inteiro. Esses dados foram cruzados com novas projeções de aumento do nível dos oceanos. O resultado mostra em nível global que terras onde vivem 300 milhões de pessoas no mundo estarão sob risco de inundações frequentes e que, somente no Brasil, ao menos 1 milhão de pessoas vivem atualmente em terras que poderão ser totalmente engolidas pelo mar.

No estudo completo e nas imagens atualizadas das projeções, é possível ver que grandes áreas da costa catarinense estão em risco. Previsões para 2050, por exemplo, mostram uma larga área costeira das cidades de Joinville, São Francisco do Sul e Araquari, no Norte do Estado, em risco de inundações constantes. Bairros da cidade mais populosa de SC como Jardim Iririri, Comasa e até os arredores do Aeroporto Lauro Carneiro de Loyola teriam áreas atingidas pelo avanço do nível do mar.

Situações parecidas como a de Joinville são vistas no mapa do Climate Central para cidades como Tijucas, Laguna e Tubarão. Em escala menor, terras habitadas em Itajaí e Balneário Camboriú também aparecem na zona de risco, assim como

praias da Ilha de Florianópolis como Morro das Pedras, Matadeiro, Daniela e Ponta das Canas.

Os mapas mostram áreas que, conforme as estimativas, em 2050 estariam abaixo da linha média de inundações. Na prática, representam terras que ficariam totalmente submersas com o avanço do nível do mar ou teriam inundações frequentes de acordo com a influência de marés, ciclones e outros efeitos.

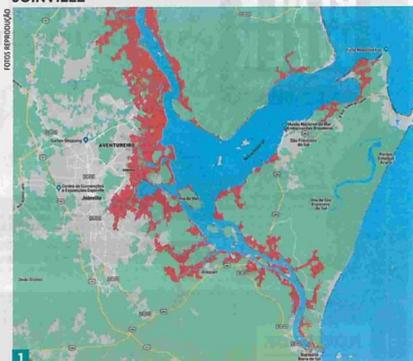
AVISOS E ALERTAS

As novas projeções vão ao encontro de um outro estudo complementar do World Resources Institute (WRI), que projeta para SC um total de quase 400 mil pessoas afetadas por inundações anualmente em 2030 caso as proteções contra cheias sejam iguais às atuais. Assim como os alertas de chuva ou risco de deslizamento que a Defesa Civil emite em Santa Catarina – especialmente após a tragédia de 2008 no Vale do Itajaí –, sistemas voltados para avisos marítimos são apontados como o principal trabalho do Estado atualmente frente às previsões de inundações mais comuns nas próximas décadas.

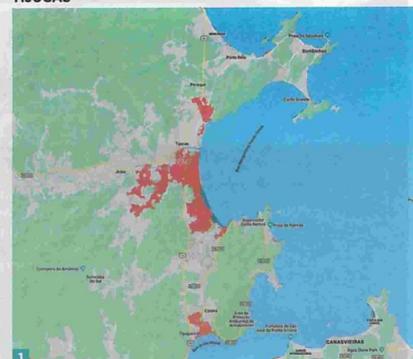
– Esse estudo mostra que existem algumas áreas críticas onde deve aumentar a frequência de inundações em SC. Para isso a Defesa Civil tem trabalhado muito na parte dos avisos de alertas provocados pela maré. Pelo tamanho da costa, SC é um dos estados do país com maregrafos (sistemas que medem variações em águas profundas). O que falta ser mais preciso ainda é a parte da previsão – diz o oceanógrafo e coordenador de monitoramento e alerta da Defesa Civil catarinense, Frederico de Moraes Rudorff.

Rudorff explica também que o governo do Estado mantém parcerias com a UFSC na linha do monitoramento costeiro. No entanto, todos os projetos seguem ainda em fase de prospecção de atividades para redução de risco.

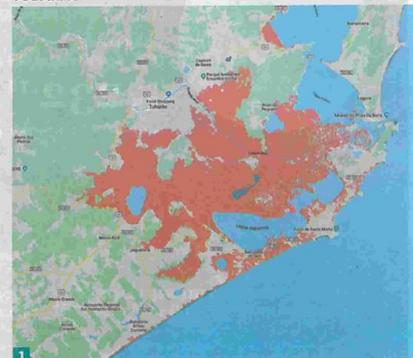
JOINVILLE



TIJUCAS



TUBARÃO



1 Em vermelho estão as terras que correm risco de inundações frequentes ou que estarão permanentemente inundadas até 2050, segundo a ONG Climate Central.

2 Na projeção anterior, os dados fornecidos pela Nasa confundiam telhados e árvores com o nível do solo.



Em escala menor, terras habitadas em Itajaí e Balneário Camboriú também aparecem na zona de risco, assim como praias da Ilha de Florianópolis como Morro das Pedras e Daniela

1 Áreas atingidas na região de Tijucas com as novas projeções, que utilizaram dados de inteligência artificial para corrigir dados de elevação do solo.

2 Projeção anterior já mostrava algumas áreas submersas na região.



1 A alta no nível do mar afetaria uma grande parte das terras de Tubarão e também cidades vizinhas, como Laguna.

2 Mesmo na projeção anterior boa parte do município de Tubarão teria áreas atingidas.



Acesse outros conteúdos em nscstotal.com.br

“Não deve criar pânico, mas acender um alerta” diz coordenador da Defesa Civil de Joinville sobre previsão de inundações

A previsão de inundações mais frequentes causadas pela alta do nível do mar na costa catarinense nas próximas décadas deve ser recebida com cautela, segundo representantes da Defesa Civil dos municípios nas áreas de risco apontadas pela nova pesquisa da ONG internacional Climate Central. O estudo mostra bairros inteiros de cidades como Joinville, Tijucas e Tubarão que podem ser engolidos pelo mar caso as projeções de efeitos do aquecimento global se concretizem até 2050.

Coordenador de prevenção da Defesa Civil de Joinville, uma das cidades que seriam mais afetadas conforme o estudo, o engenheiro ambiental Maiko Richter afirma que o assunto é monitorado pelo município há alguns anos, visto que a cidade já sofre atualmente com inundações causadas pela maré.

A modelagem para áreas suscetíveis está dentro do planejamento urbano de Joinville. Esse estudo não deve criar pânico, mas sim acender um alerta para aprofundar essa discussão da região costeira. Os desastres estão mais frequentes e intensos, a Defesa Civil tem que ter isso em mente. Os problemas tendem a aumentar e temos que criar capacidade de resiliência das cidades – afirma.

Especialista em recursos hídricos na Defesa Civil de Joinville, Robison Negri pondera também que sistemas de prevenção ao avanço das marés não são viáveis econômica e tecnicamente na região. Para o município, o foco deve estar em medidas não estruturais como a fiscalização das áreas de risco, proibição de novas construções irregulares e preparação dos moradores que já moram em terras com risco

de inundação.

– De modo geral a comunidade científica procura ser um pouco mais resguardada com esse assunto, não tão alarmista, pois não há um consenso em relação a esses efeitos. Caso essas previsões se concretizem, um caminho é com políticas de segurança para esses moradores, com sistemas de alerta, rotas seguras e adequações nas novas construções – explica Negri.

Em Tubarão, onde o monitoramento dos pesquisadores aponta uma das maiores manchas vermelhas do Estado, a Defesa Civil municipal foca os esforços em um plano de contingência para desastres como inundações e enchentes. O documento foi

atualizado no ano passado e é disponibilizado aos moradores através do site da prefeitura.

– O município está preparado para realizar o enfrentamento de casos de inundação com o plano de contingência. Ele aponta rotas de fuga, telefones de emergência

e estruturas de abrigos que temos na cidade – explica Gestor-Coordenador de Proteção e Defesa Civil da prefeitura de Tubarão, Murilo Ribeiro.

A cidade também possui dois estudos recentes sobre riscos de inundação. Um foi entregue ao município há pouco tempo através da Defesa Civil do Estado, com cartas de inundação que trazem as manchas de risco num período de dois a 1 mil anos, sem considerar as marés, e outro estudo foi contratado pela própria prefeitura para atualizar as manchas com a influência de maré e chuva. Esses estudos, segundo Ribeiro, servem para atualizar o plano de contingência e trazer mais detalhes ao planejamento da Defesa Civil.

O Estado mantém parceria com a UFSC para monitorar a costa. Os projetos seguem em fase de prospecção de risco

Mais eventos extremos em Santa Catarina

A área costeira de Santa Catarina também é pesquisada nacionalmente por previsões de eventos climáticos extremos. A edição mais recente do Relatório Especial do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas, de 2017, traz um capítulo sobre a costa catarinense.

O documento, que tem a participação de órgãos do Brasil inteiro, aponta que “cidades com extensas instalações portuárias e indústrias são especialmente vulneráveis aos riscos do aumento de inundações, como no caso da cidade de Santos, na costa de São Paulo, e Itajaí no litoral de Santa

Catarina”, e que previsões relacionadas aos efeitos das mudanças climáticas globais indicam que as tempestades costeiras devem ficar mais intensas nos próximos anos.

O relatório dos pesquisadores deixa claro: “a melhor forma de se adaptar às mudanças climáticas é se desenvolver de maneira sustentável”, e aponta a importância de que governos atualizem avaliações de risco nas cidades litorâneas. Com mais informações, é possível avaliar alternativas de realocação para populações em locais de risco, ou medidas que tornem as situações aceitáveis.

DC Revista e AN Revista
Olhar
"O retorno, 256 anos depois"

O retorno, 256 anos depois / Guará Vermelho / Biólogos / UFSC



Notícias do Dia
A Semana
"Ouvidos Moucos"

Operação Ouvidos Moucos / Denúncias / Ministério Público Federal / Justiça Federal / Servidores / UFSC

Ouvidos Moucos

O ND teve acesso às denúncias apresentadas pelo Ministério Público Federal à Justiça contra sete servidores ligados à UFSC e empresários envolvidos na Operação Ouvidos Moucos. Eles foram acusados de fraude em licitação, peculato e falsidade ideológica.

Notícias do Dia Inspira

“Praia livre de lixo: um sonho possível”

Praia livre de lixo: um sonho possível / CCFV / Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Tapera / Parceria / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Meio ambiente

ND NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 23 E 24 DE NOVEMBRO DE 2019

PRAIA LIVRE DE LIXO: UM SONHO POSSÍVEL

ALUNOS DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS DA TAPERA DÃO EXEMPLO E COMEÇAM A MUDAR O MUNDO A PARTIR DE SEU PRÓPRIO BAIRRO

PATRÍCIA PERON
Especial para a Inspira

O Brasil é o quarto país que mais produz lixo plástico no mundo. Por ano, são 11,3 milhões de toneladas desse resíduo – número três vezes maior que a produção nacional de café, por exemplo. Os dados fazem parte do relatório Global Plastics Report, divulgado neste ano pelo do WWF (Fundo Mundial para a Natureza). Boa parte deste volume é despejada nos rios, que levam para o mar 35 tipos diferentes de resíduos.

Outro estudo, da Abrelpe (Associação Brasileira Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais), revela que, a cada ano, são lançados 2 milhões de toneladas de resíduos nos rios e no litoral brasileiro, quantidade suficiente para encher 30 vezes o estádio do Maracanã. Mas, se depender da atitude da turminha do CCFV (Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos) da

Tapera, na Capital, essa realidade será muito diferente no futuro.

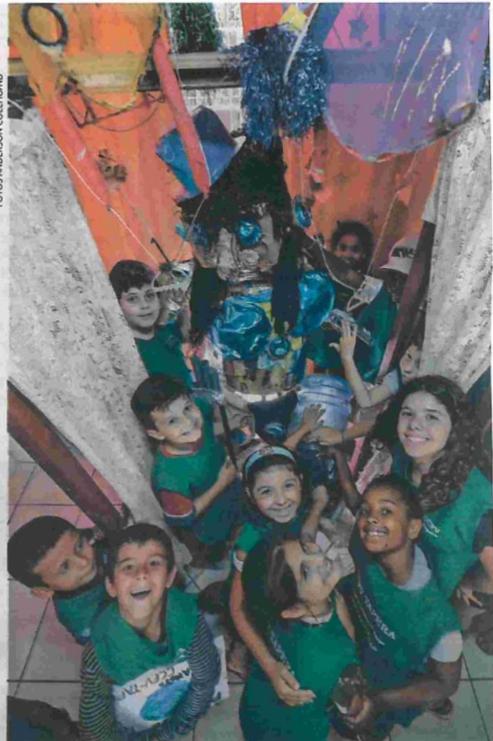
A ideia é começar a mudar o mundo pelo próprio bairro. Neste sábado, durante o 11º Sábado Show, 70 crianças receberão o certificado de monitores ambientais mirins e 52 terão em mãos o certificado de stand up paddle, após aprenderem, durante o ano, como respeitar e preservar o meio ambiente.

A iniciativa, realizada desde agosto de 2018, leva as crianças e pré-adolescentes, todas as terças e quintas-feiras, à praia da Tapera, no Sul da Ilha, onde aprendem sobre a vida marinha por meio de ação realizada em conjunto com a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), recolhem o lixo da orla, do mar e praticam esporte.

A atitude, garante a coordenadora do CCFV, Laione Capistrano, já se reflete na mudança de comportamento não apenas dos monitores mirins, mas da própria comunidade local. “Quando começamos a recolher, havia muito lixo na praia. Agora, já percebemos redução drástica na quantidade de resíduos despejados na orla. Isso porque deixamos plaquinhas que incentivam o cuidado ao meio ambiente na areia e todos sabem que, duas vezes por semana, vamos até o balneário e recolhemos o lixo”.

Segundo ela, o projeto superou as expectativas. Essas interações com a natureza, com as atividades e os colegas abrem para os estudantes novas possibilidades de vida. “Trazem a participação no coletivo e estimulam o respeito à questão ambiental”, afirma Laione.

FOTOS: ANDERSON CORREIÃO/ND



Pequeno exército de monitores ambientais se prepara para espalhar conhecimento e sensibilizar frequentadores da praia

6/7

“A gente fez mais amizade, aprendeu muito e acho que evolui como cidadã e como pessoa”, testemunha Andreza



IMPACTO NA COMUNIDADE

Andreza Aparecida Batista dos Santos, 13 anos, diz que o cotidiano em sua casa mudou após sua participação no projeto. “É muito interessante entender como é o meio ambiente e estar ali, junto aos colegas. Acho que evolui como cidadã e como pessoa. Lá na minha família já reciclávamos o lixo, mas passamos a ter muitas outras atitudes para a preservação do meio ambiente depois que comecei a ser monitora ambiental mirim”, conta.

“Acho que todos nós passamos a cuidar muito melhor do lixo agora. Foi muito legal aprender sobre os animais marinhos, ajudar a manter a praia limpa e saber andar de stand up paddle”, acrescenta Guilherme Schicora Pratts, 10 anos, outro aluno do centro.

O aumento da autoestima, da confiança, o respeito à natureza, o fortalecimento de vínculos entre alunos, suas famílias e a comunidade são os objetivos e principais resultados destes projetos, acrescenta a assistente social Taili Streb, do Instituto Bem Possível.

A instrutora de stand up paddle, Fernanda Soares, reforça a importância da atividade, que não tem por meta o esporte em si, mas como recreação e instrumento para fortalecer a empatia entre os alunos. “Eles aprendem valores por meio do contato com a natureza e levam isso para as outras pessoas de seu convívio. Muitas crianças começaram no projeto bem tímidas e, com o tempo, percebemos que houve um empoderamento destes alunos, que perceberam que conseguem remar sozinhos e cuidar da sua praia, da sua comunidade. Isso é muito importante”, afirma.

O projeto é realizado pela Prefeitura de Florianópolis, em parceria entre a Secretaria Municipal de Assistência Social, Secretaria de Cultura, Esporte e Juventude da Capital e Instituto Bem Possível.

SÁBADO DE SHOW NO SUL DA ILHA

Neste sábado (23), além da formatura dos monitores ambientais mirins, o dia terá muitas atrações na praia da Tapera, no Sul da Ilha, no 11º Sábado Show. O evento pretende aproximar a comunidade do Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, além de apresentar os trabalhos oferecidos pelo espaço em 2019.

A programação ocorrerá das 9h30 às 15h e terá apresentações artísticas e culturais, feira solidária da Tapera, Circuito de Stand Up Paddle, contações de histórias, maratoninha da Tapera, caminhada da Jovem Guarda, cama elástica e tobogã. O Cras (Centro de Referência de Assistência Social) do bairro Tapera vai orientar sobre tarifa

social de energia elétrica e benefícios para a comunidade. O evento é gratuito.

Florianópolis tem hoje seis Centros de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. No espaço, que as crianças frequentam no contraturno escolar, há momento para refeições, acompanhamento psicossocial, coral, xadrez, teatro e muito mais.

Segundo a Prefeitura, os centros estão em regiões estratégicas, de possível vulnerabilidade social. Além das atividades pedagógicas, sociais e culturais, são oferecidas refeições e acompanhamento socioassistencial para as famílias. Para acessar os serviços de qualquer CCFV, basta ir até o Cras, onde são feitos os encaminhamentos.



Crianças começam a entender que educação vai além da sala de aula e reflete nas ações diárias

COLETA DE RESÍDUOS BATE RECORDE DO ANO

Apenas no último feriadão da Proclamação da República, a Comcap (Autarquia de Melhoramentos da Capital) retirou 120 toneladas de resíduos da orla na Capital. A coleta de resíduos domiciliares teve pico de produção na segunda-feira, quando foram coletadas 1.180 toneladas em Florianópolis.

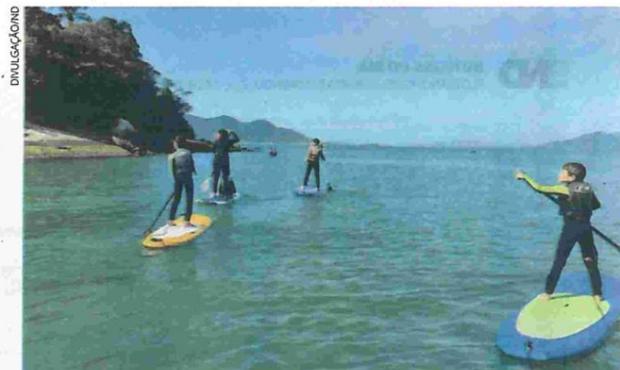
Essa quantidade, em 18 de novembro, superou o pico de geração de resíduos no ano, que havia sido em 2 de janeiro, com 1.089 toneladas num único dia. "Tradicionalmente, o pico de geração se dá logo após o Réveillon. Este ano tivemos o dia de maior coleta em novembro. Isso amplia nosso desafio de orientar os veranistas e moradores para que a necessidade de reduzir a geração de lixo, separando melhor os materiais para reciclagem nos seus domicílios", afirma Márcio Alves, presidente da Comcap.

Nos meses de temporada, a coleta de resíduos chega a aumentar até 41% em Florianópolis. Em janeiro de 2019,

foram coletadas 23 mil toneladas, e em junho deste ano, 16,3 mil toneladas.

Os resíduos retirados da orla são dispostos em pontos estratégicos, onde são instaladas grandes caixas estacionárias, de modo a deixar o menor tempo possível expostos aos veranistas. Como os resíduos recolhidos na orla são misturados, não podem ser encaminhados para a reciclagem, por isso a Comcap instrui moradores e turistas a levar para casa e separar lá as embalagens de produtos que consome na praia.

"Se o veranista vai para a faixa de areia com uma sacola com garrafas, latas, sacos e potes com comida e bebida, pode retornar para casa com as mesmas embalagens vazias e encaminhá-las para a coleta seletiva. Depois de consumidos os alimentos, as embalagens estarão mais leves e também mais leve será a consciência de encaminhar de forma adequada os resíduos. Ninguém deveria deixar lixo na beira da praia", sentença Alves.



Aprendizado sobre vida marinha inclui aulas de stand up paddle

MAIS LIXO QUE VIDA NO MAR

• O lixo plástico é o que causa mais preocupação. Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), se nada for feito, até 2050 haverá mais fragmentos de plásticos nos oceanos do que espécies marinhas. Neste ano, na Islândia, pesquisadores retiraram 40 quilos de plástico do estômago de uma baleia morta.

• Além de matar e contaminar animais marinhos, pequenos fragmentos do material, os chamados microplásticos, já são encontrados em humanos. Um estudo científico divulgado no fim de 2018 estimou que até 50% da população mundial tenha microplásticos no intestino, incorporado por meio da ingestão de alimentos e água.

• Embora esteja entre os maiores poluidores, o Brasil ainda está abaixo da média mundial de reciclagem. A estimativa é de que o país recicla apenas 1,28% do total de plástico produzido no país - índice inferior aos à média global de 9%. Entre os diferentes tipos de material, o PET é o que se sai melhor: cerca de 60% do que é produzido é reciclado, sendo transformado em fios para a indústria têxtil, por exemplo.

• Os oceanos, fontes de vida na Terra, podem se tornar nossos piores inimigos em escala global se nada for feito para travar as emissões de gases de efeito estufa. Os estoques de peixes podem diminuir, os danos causados por furacões podem aumentar e 280 milhões de pessoas seriam deslocadas pelo aumento do nível do mar. As informações constam no relatório especial do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), sobre os oceanos e a criosfera.

Fonte: WWF ("Fundo Mundial para a Natureza").



Pequenos monitores coletam lixo deixado por visitantes na praia

Notícias do Dia Especial

“10 opções para curtir o verão em Florianópolis”

10 opções para curtir o verão em Florianópolis / Fortaleza de São José da Ponta Grossa / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Editor: FABIO GADOTTI
fabio.gadotti@noticiasdodia.com.br

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 23 E 24 DE NOVEMBRO DE 2019 3 ESPECIAL END

10 OPÇÕES PARA CURTIR o verão em Florianópolis

CATARINA DUARTE
catarina.duarte@noticiasdodia.com.br

Anderson Coelho/ND

Com a proximidade da temporada de verão, os turistas começam a chegar a Florianópolis para aproveitar as praias, os passeios, as trilhas e a gastronomia. A Ilha tem 42 praias, com diferentes atrativos. Para ajudar a montar o melhor roteiro para aproveitar ao máximo a estadia na Ilha, o ND listou os dez melhores locais para curtir a cidade.



1. Praia Mole
Ideal para um mergulho e mais tranquila que as demais praias que a circundam, a Praia Mole é imperdível. A praia conta com dois postos de salva-vidas e opções de gastronomia, além de aluguel de cadeiras e guardas-sol.

2. Santo Antônio de Lisboa
É um local recheado de histórias manezinhas. É do distrito a primeira igreja de Florianópolis e muitas casas mantêm a arquitetura açoriana. Os pratos à base de frutos do mar são a atração principal. E, claro, o pôr-do-sol é um espetáculo à parte.

3. Projeto Lontra
O resgate, recuperação, conservação e ampliação do conhecimento sobre as lontras é objetivo do projeto que leva o mesmo nome do animal. Além de Santa Catarina, o projeto tem base na cidade de Aquidauana, no Mato Grosso do Sul. Para visitar basta agendar um horário no site do projeto ou por meio do telefone (48) 3237-5071.

4. Ilha do Campeche
As águas cristalinas transformam a Ilha do Campeche em um Caribe brasileiro. O acesso ao local é feito com barcos com saída pela Barra da Lagoa. Há também como chegar a Ilha pela praia do Campeche e pela Armação, ambas por meios alternativos. O ideal é aproveitar para passar o dia na praia com amigos e família.

5. Lagoa do Peri
O Parque Municipal da Lagoa do Peri preserva a Mata Atlântica primária. O local tem muitas atrações como passeios, trilhas pela mata – que exigem o uso de repelentes – e a prática de esportes como stand up paddle. Lá é possível ver o jacaré-do-papo-amarelo, gralha-azul, macaco prego e outros animais típicos da mata.

6. Mercado Público
O Mercado Público de Florianópolis reúne o melhor da gastronomia de Florianópolis além de boas opções de cervejas. Com mesas distribuídas em seu vão central, o mercado fica aberto de domingo a domingo. Também é possível adquirir lembranças da Ilha, como chaveiros, blusas e canecas.

7. Passeio de barco pela Costa da Lagoa
Uma das mais tradicionais comunidades da Ilha, a Costa fica às margens da Lagoa da Conceição. O acesso ao local é feito apenas por trilhas e barcos. Os principais atrativos são a gastronomia e a paisagem de mata preservada. No caminho da trilha, um engenho de farinha que funciona uma vez por ano para uma festa na comunidade.

8. Trilha do Gravatá
Os 1.400 metros são percorridos em 30 minutos e a vista da praia de Gravatá compensa todo o esforço. O local é um conhecido caminho de pescadores e na praia há um rancho de pesca. A promessa de água cristalina e tranquilidade o grupo de amigos de Ponta Grossa (PR), que subiu a trilha sob o sol do meio dia. “Aquilo tudo é lindo”, disse a assistente social Camila Skodowki.

9. Dunas da Joaquina
As dunas são o lugar ideal para a prática esportiva. As pranchas de stand board são alugadas por R\$ 30 a hora. No alto de uma das dunas ficam demarcadas as pistas exclusivas para as descidas radicais. De tênis ou chinelo, você consegue subir os montes de areia e admirar a vista da Lagoa da Conceição.

10. Fortaleza de São José da Ponta Grossa
A fortaleza fez parte do triângulo defensivo planejado pelo brigadeiro José da Silva Paes, construído em 1740. A recuperação veio após o tombamento como patrimônio nacional em 1938, e hoje a administração do local é feita pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). O local recebe visitantes das 9h às 12h e das 13h às 17h. A taxa é de R\$ 8 (inteira) e R\$ 4 a meia entrada. Pagamento só em dinheiro.



DANIEL QUEIROZ/ARQUIVO/ND



DANIEL QUEIROZ/ARQUIVO/ND

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

23/11/2019

[Companhia das Letras publica anúncio em defesa da liberdade de imprensa](#)

[Ex-diretor da Aneel acusado de rombo milionário recebeu mais de R\\$ 250 mil de empresas beneficiadas](#)

[UFSC terá semana de vacinação contra o sarampo de 25 a 29 de novembro](#)

[Alexandra Latini: "Ser mulher, estrangeira e fazer ciência no Brasil são lutas constantes"](#)

[Clima de ansiedade marca primeiro dia do vestibular da Ufrgs em Porto Alegre](#)

[Engenheiro agrônomo Glauco Olinger é uma enciclopédia viva da agricultura catarinense](#)

[#Galeria: veja fotos publicadas na coluna Gente](#)